

ESTILO INDIVIDUAL E ESTILO DE GÊNEROS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE RESENHAS ACADÊMICAS

INDIVIDUAL STYLE AND GENDER STYLE IN THE PROCESS OF CONSTRUCTION OF ACADEMIC REVIEWS

ESTILO INDIVIDUAL Y ESTILO DE GÉNERO EN EL PROCESO DE CONSTRUCCIÓN DE REVISIONES ACADÉMICAS

 Anne Carolline Dias Rocha Prado¹

1. Graduada em Letras Vernáculas (UESB). Mestre e Doutora em Linguística (PPGLIN/UESB). Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, vinculada ao Departamento de Estudo Linguísticos e Literários (DELL/UESB). E-mail: annerochaprado@gmail.com.

RESUMO: Neste artigo, discutimos a relação entre gênero e estilo, a partir da análise de dados do processo de construção de resenhas acadêmicas produzidas por estudantes universitárias, em que observaremos a relação das escreventes com o gênero produzido, com vistas a verificar a influência do estilo do gênero em suas escolhas e a possibilidade de manifestação do estilo individual em um gênero aparentemente mais padronizado. Para isso, partimos do pressuposto que o estilo é um fenômeno que acontece mediante um processo de escolhas realizado na comunicação discursiva viva e que envolve fatores sociais, históricos, culturais e ideológicos – conforme a abordagem socio discursiva do estilo empreendida pelo Círculo de Bakhtin, e assumimos que o estilo é, ao mesmo tempo, individual e coletivo e que existem gêneros mais padronizados e gêneros mais flexíveis a entradas subjetivas (Bakhtin (2016 [1952-1953])). Nossos dados mostram que é o estilo do gênero resenha que controla as escolhas linguísticas das escreventes, mas, ainda assim, elas conseguem atravessá-lo, de maneira a deixarem marcas do seu estilo individual em seus textos, o que acontece graças ao caráter relativamente estável dos gêneros discursivos.

Palavras-chave: Gênero; Estilo; Resenha; Processamento textual

Recebido em: 10/04/2025

Aprovado em: 25/05/2025



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

ABSTRACT: In this article, we discuss the relationship between genre and style, based on the analysis of data from the process of constructing academic reviews produced by university students, in which we will observe the relationship between the writers and the genre produced, with a view to verifying the influence of the genre's style on their choices and the possibility of manifestation of the individual style in an apparently more standardized genre. To do this, we start from the assumption that style is a phenomenon that occurs through a process of choices made in living discursive communication and that involves social, historical, cultural and ideological factors - according to the socio-discursive approach to style undertaken by the Bakhtin Circle, and we assume that style is, at the same time, individual and collective and that there are more standardized genres and genres that are more flexible to subjective inputs (Bakhtin (2016 [1952-1953])). Our data show that it is the style of the review genre that controls the writers' linguistic choices, but, even so, they manage to cross it, in order to leave marks of their individual style in their texts, which happens thanks to the relatively stable character of discursive genres.

Keywords: Gender; Style; Review; Text processing

RESUMEN: En este artículo, discutimos la relación entre género y estilo, a partir del análisis de datos provenientes del proceso de construcción de reseñas académicas producidas por estudiantes universitarios, en el que observaremos la relación entre los escritores y el género producido, con miras a verificar la influencia del estilo del género en sus elecciones y la posibilidad de manifestación del estilo individual en un género aparentemente más estandarizado. Para ello, partimos del supuesto de que el estilo es un fenómeno que se produce a través de un proceso de elecciones realizadas en la comunicación discursiva viva y que involucra factores sociales, históricos, culturales e ideológicos -según el enfoque sociodiscursivo del estilo emprendido por el Círculo de Bakhtin-, y asumimos que el estilo es, al mismo tiempo, individual y colectivo y que existen géneros más estandarizados y otros más flexibles a los inputs subjetivos (Bakhtin (2016 [1952-1953])). Nuestros datos muestran que es el estilo del género reseña el que controla las elecciones lingüísticas de los escritores, pero, aun así, logran cruzarlo para dejar marcas de su estilo individual en sus textos, lo que ocurre gracias al carácter relativamente estable de los géneros discursivos.

Palabras-clave: Género; Estilo; Revision. procesamiento de texto.

Introdução

A noção de estilo está relacionada a inúmeras e variadas atividades e é empregada tanto em situações banais, corriqueiras e concretas, quanto em criações artísticas mais refinadas. O estilo está presente na sociologia, no esporte, na arte, na história, na moda, na literatura etc. (Compagnon, 2001; Martins, 2012). Isso acontece porque, conforme aponta Granger (1974), o estilo é indispensável em todas as formas de prática: “Toda prática, com efeito, comporta um estilo e o estilo é inseparável de uma prática” (Granger, 1974, p. 20). Dessa forma, inevitavelmente, são muitas as definições de estilo.

No que se refere a estudos e pesquisas científicas, o estilo é discutido em diversas áreas do conhecimento, com inúmeras designações. No domínio da linguagem, especificamente, nos deparamos com diferentes conceitos e múltiplos pontos de vista. De acordo com Martins (2012), nos estudos da linguagem, o estilo pode aparecer, por exemplo, como escolha, desvio da norma, elaboração, conotação; além disso, segundo a autora, existem teóricos que consideram o estilo apenas na literatura e outros que o consideram nos diversos usos da língua, e, ainda, esses teóricos ora relacionam o estilo ao autor, ora o relacionam à obra, ora o relacionam ao leitor, e, ainda, há quem dê destaque à forma da obra ou do enunciado, e quem se concentre na totalidade forma-pensamento.

Como se pode notar, a questão do estilo é bastante complexa. Mesmo quando nos restringimos ao campo da Linguística, essa complexidade se mantém. Quando a chamada Estilística da língua foi inaugurada por Charles Bally, discípulo de Saussure, no início do século XX, ela tinha como objetivo estudar os elementos afetivos das formas de expressão e os meios pelos quais a linguagem os produz, além das relações existentes entre esses elementos e todo o sistema expressivo do qual fazem parte. Ou, seja, o estilo estaria, então, relacionado a possibilidades expressivas da língua. A partir daí, outras perspectivas foram desenvolvidas, mas, de modo geral, sem levar em consideração a relação enunciado-enunciação, o que pode ser explicado a partir da afirmação feita por Possenti (1993), de que os linguistas “tentam depreender noções um pouco mais severamente controláveis com base nas respectivas concepções de gramática (ou de língua)” (POSSENTI, 1993, p. 181). Tem-se, por exemplo, a perspectiva estrutural de Jakobson, a ideia de estilo como desvio em relação ao contexto, postulada por Riffaterre, a abordagem variacionista da Sociolinguística, além daqueles que seguem o ponto de vista elaborado por Charles Bally, como Manoel Rodrigues Lapa, Gladstone Melo e Joaquim Mattoso Câmara Júnior.

Por outro lado, há linguistas que buscam chamar a atenção para a relação que existe entre enunciado e enunciação, a exemplo de Norma Discini e Sírio Possenti, que tratam do estilo sob determinada ótica discursiva; e há, também, a abordagem social e discursiva do Círculo de Bakhtin, a qual tomamos por base, sob o entendimento de que o estilo é construído socialmente em um processo de escolhas realizado na comunicação discursiva vida, e, assim, é atravessado por fatores sociais, históricos, culturais e ideológicos (aos quais acrescentamos o fator cognitivo), levando em consideração o contexto da enunciativo, a relação emocionalmente valorativo do autor com o objeto da enunciação e com o destinatário e sua resposta antecipada, o que significa que o estilo, embora individual, é construído socialmente. Além disso, com base em Bakhtin (2016 [1952-1953]), chamamos a atenção para a existência de um estilo individual e de um estilo coletivo. De acordo com o autor, ao mesmo tempo, é determinado por fatores linguísticos, textuais e discursivos que se conectam repetidamente em um contexto enunciativo, o que caracteriza o estilo do gênero (o coletivo), e pela escolha particulares do sujeito do discurso, que apontam para o estilo individual. Para o teórico, todo gênero pode refletir um estilo individual, embora nem todos sejam favoráveis a esse

reflexo, dado que alguns gêneros são mais padronizados, rígidos, requerem certo rigor, enquanto outros possuem formas mais flexíveis, livres.

Sendo assim, neste artigo adentramos a temática do estilo e analisamos dados do processo de construção de resenhas produzidas por estudantes universitárias, observando a relação das escreventes com o gênero em questão, na tentativa de verificar a influência do estilo genérico em suas escolhas e a possibilidade de imprimirem marcas de estilo individual em um gênero aparentemente mais padronizado. Destacamos que este trabalho é resultado de estudos desenvolvidos a partir da tese de doutoramento intitulada “[TÍTULO RETIRADO PARA MANTER O NONIMATO]”, defendida no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, e financiada pelo Programa Interno de Bolsas de Pós-graduação da mesma instituição.

O Círculo de Bakhtin e o caráter social do estilo

A concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin parte do princípio de que a língua é um fenômeno vivo, fluido, que se move e se modifica continuamente, seguindo a vida social. A linguagem, nesse sentido, é “*produto da atividade coletiva humana*” (Volóchinov, 2019b [1930], p. 248, destaques do autor). Sendo assim, a partir de um ponto de vista social, histórico, cultural e ideológico, a abordagem do Círculo tem como aspecto medular a interação discursiva que acontece entre sujeitos socialmente organizados, e, em todas as suas formas, está intrinsecamente relacionado às condições de determinada situação social concreta, reagindo a todas as alterações do meio social (Volóchinov, 2018 [1929]). De acordo com Volóchinov (2018 [1929]), a interação discursiva é a realidade efetiva e fundamental da língua, e não se trata apenas de uma interação face a face, uma conversa direta entre pessoas que estão frente a frente, um diálogo, no sentido estrito da palavra, na verdade, a interação é “qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo” (Volóchinov, 2018 [1929], p. 219).

Essa interação tem como resultado “*tipos relativamente estáveis de enunciados*” (2016 [1952-1953], p. 12, destaques do autor) concretos e únicos, que espelham as condições específicas e os objetivos de cada campo de utilização da língua, os quais são denominados gêneros do discurso e se caracterizam pelo seu conteúdo temático, pela sua construção composicional e pelo seu estilo. Segundo Bakhtin, o processo interativo só é possível por meio de gêneros discursivos, e a vontade discursiva do falante se realiza, primeiramente, a partir da escolha de determinado gênero discursivo, tendo em conta as particularidades do campo comunicativo, os aspectos temáticos, a situação concreta em que a interação acontece etc., e, muitas vezes, não é consciente, uma vez que estão à disposição do sujeito do discurso um imenso e diversos repertório de gêneros: “nós falamos por gêneros diversos sem suspeitar da sua existência” (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p.38).

O autor salienta que a riqueza e a diversidade dos gêneros são inesgotáveis e estabelecidas pela situação social e pelas relações pessoais entre os participantes da enunciação, o que faz com que os gêneros sejam diferentes entre si, e, por causa disso, há gêneros com formas mais padronizadas e outras com formas mais livres. Bakhtin (2015 [1930-1936]) explica que há formas de unificação e de desunificação que atuam nos gêneros de forma ininterrupta, são as forças centrípetas e centrífugas. As forças centrípetas são as forças de unificação, de centralização, que agem regulando, normatizando e estabilizando os gêneros; já as forças centrífugas são as de desunificação, de descentralização, que atuam desestabilizando, relativizando e flexibilizando os gêneros. A atuação dessas forças nos permite falar de estilo individual e de estilo de gênero, já que, consoante Bakhtin (2016 [1952-1953]), todo estilo está ligado aos gêneros do discurso e

pode refletir a individualidade do enunciador, uma vez que todo enunciado é individual, mas nem todos os gêneros são favoráveis a esse reflexo de igual modo, tendo em vista que, como dissemos, alguns gêneros são mais flexíveis e suas condições são mais propícias à manifestação da individualidade, enquanto outros requerem uma forma padronizada, em que “só podem refletir-se os aspectos mais superficiais, quase biológicos da individualidade” (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 17).

Uma vez que já nos embrenhamos, especificamente, na questão do estilo, convém mencionar que embora os elementos constitutivos dos gêneros (construção composicional, conteúdo temático e estilo) estejam intrinsecamente conectados no conjunto do enunciado, é possível fazer do estilo um objeto de estudo autônomo, mas, para que seja feita uma análise estilística correta e eficiente, que contemple todos os aspectos do estilo, é necessário que se leve em consideração um enunciado pleno, uma vez que existe uma ligação orgânica e indissolúvel entre gênero e estilo e, dessa forma, não se pode estudar um sem levar em consideração o outro (Bakhtin, 2016 [1952-1953]). Para o teórico russo, “Onde há estilo há gênero” (Bakhtin, 2016, p.21). Nesse sentido, a elaboração de gêneros está relacionada a elaboração de estilos, um completa o outro, de maneira que o estilo altera, destrói ou renova um gênero, da mesma forma que o gênero, ao ser alterado, também altera o estilo, que deve satisfazer a ele.

Bakhtin define estilo como a “seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua” (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 12). Para o autor, o estilo é determinado, antes de tudo por aspectos semântico-objetais (temáticas), e, em seguida, pelo elemento expressivo, pela relação de valor do falante com o objeto do discurso. Isso significa que o estilo do gênero se manifesta em primeiro lugar, pois, ao escolhermos um gênero para expressar nossa vontade discursiva, moldamos o nosso discurso a determinada forma padrão, que se caracteriza pela conexão repetida de fatores linguístico, textuais e discursivos em um contexto enunciativo, ou seja, nos moldamos ao estilo do gênero. Daí, então, fazemos escolhas que podem revelar a nossa singularidade, o nosso estilo individual, com mais ou menos intensidade. Nessa perspectiva, Sobral (2016) afirma que “O *estilo* é o aspecto do gênero mais ligado à sua mutabilidade: é ao mesmo tempo expressão da relação discursiva típica do gênero e expressão pessoal, mas não subjetiva, do autor no âmbito do gênero” (Sobral, 2016, p. 174, destaque do autor). O linguista explica que, ao escolhermos um gênero para a realização da nossa vontade discursiva, o fazemos escolhemos em sua estabilidade, mas o alteramos sutilmente em cada ato discursivo, o que acontece devido à relação valorativa falante-objeto-ouvinte, que determina a escolha de todos os recursos linguísticos.

Do ponto de vista bakhtiniano, a singularidade do sujeito do discurso, o seu estilo, está ligada às relações dialógicas. A esse respeito, Brait (2004) declara que é no embate de múltiplas vozes que a singularidade de um enunciado se forma e, por isso, a temática do estilo está total e coerentemente relacionada com a perspectiva dialógica da linguagem. Em consonância com esse pensamento, Faraco (2009) afirma que “o estilo se constrói a partir de um caráter social apreciativo: as seleções e escolhas são, primordialmente, tomadas de posição axiológicas frente à realidade linguística, incluindo o vasto universo de vozes sociais” (Faraco, 2009, p. 137).

Volóchinov (2019) ressalta o caráter social do estilo e defende que não é possível desassociá-lo do campo social, tendo em vista que a relação com o outro é fundamental na construção de todo e qualquer modo de expressão, e, dessa forma, todos os elementos estilísticos são determinados a partir de avaliações sociais e expressam a posição social fundamental do autor. Para o teórico, “podemos falar que o estilo é, pelo menos, dois homens, mais precisamente, o homem e seu grupo social na pessoa do seu representante autorizado, ou seja, o ouvinte que é um participante constante do discurso interior e exterior do homem” (Volóchinov, 2019, p. 143). Esse posicionamento é ratificado em *Marxismo e filosofia da linguagem*,

possivelmente sua obra mais conhecida, em que o autor põe em evidência a natureza sociológica da construção estilística do enunciado, consoante observa Faraco (2009), e em obras posteriores.

Em *Marxismo*, Volóchinov (2018 [1929]) aponta para o fato de que mesmo a individualidade do falante é construída a partir dos outros. E ele vai além: para o linguista, é nas formas que a língua percebe o palavra do outro e a individualidade do falante que os tipos de comunicação socioideológica que se entrelaçam na história se expressam de modo mais evidente. Posteriormente, o pesquisador defende que “O estilo é atravessado inteiramente e até o fim pela lei sociológica e, fora dela, ele é uma abstração ruim, uma ficção irreal” (Volóchinov, 2019a, p. 199), e argumenta que, para se falar em estilo, antes de tudo, é necessário levar em consideração a correlação entre o enunciado e as condições concretas nas quais ele ocorre, além das relações de classe entre os falantes.

Em consonância com esse pensamento, Bakhtin (2015 [1930-1936]) elabora uma *estilística sociológica*, utilizada como base para a análise do discurso no gênero romanesco, colocando forma e conteúdo como inseparáveis dentro do discurso, entendido como fenômeno social. O filósofo aduz que a relação dialógica com a palavra do outro gera efeitos estilísticos diferentes que podem de ligar de modo estreito e, dessa maneira, se tornam quase inseparáveis na análise estilística: “A política interna do estilo (a combinação de elementos) é determinada por sua política externa (pela relação com a palavra do outro). É como se a palavra vivesse na fronteira do meu contexto e do contexto do outro” (Bakhtin, 2015 [1930-1936], p. 57).

Também levando em consideração obras literárias, Volóchinov declara: “O poeta escolhe as palavras não do dicionário, mas do contexto da vida, onde elas se segmentaram e se impregnaram de avaliações” (Volóchinov, 2019, p. 131). De maneira semelhante, Bakhtin (2016) afirma que, quando escolhemos as palavras para construir um enunciado, não as tiramos do sistema da língua, mas de outros enunciados, produzidos na interação discursiva viva, e é assim também que o nosso estilo individual é construído.

Dadas essas considerações, é possível afirmar que, de acordo com o Círculo de Bakhtin, o estilo é o elemento constitutivo do gênero que diz respeito às escolhas que o sujeito social, histórico e ideológico faz no processo da comunicação discursiva viva, levando em consideração o contexto enunciativo, a relação valorativa do falante com o objeto da enunciação, e a relação do falante (autor) com o ouvinte (destinatário) e sua resposta antecipada. Nesse processo, o sujeito escolhe, primeiramente, o gênero discursivo dentro do qual irá enunciar, gênero este que possui o seu próprio estilo; é dentro deste gênero que o indivíduo faz escolhas individuais de elementos linguísticos que compõem o seu enunciado. Portanto, o estilo, seja do gênero, seja individual, é construído socialmente em um processo de escolhas.

A respeito do gênero resenha acadêmica

A resenha é um dos gêneros fundamentais do campo acadêmico. Historicamente, o seu surgimento está, de fato, ligado à academia, com circulação regular em revistas científicas, jornais acadêmicos e periódicos literários, mas com o objetivo inicial de direcionar o público na escolha de livros, de modo semelhante a resenhas que circulam, hoje em dia, no âmbito jornalístico e, mais recentemente, em espaços digitais, como as redes sociais. No Brasil, esse movimento se deu de maneira contrária: do jornalismo à academia, depois que intelectuais que avaliavam obras culturais perderam espaço nos jornais, que transformaram essa tarefa em algo mais popular, o que fez com que os intelectuais (Melo, 2003) passassem

a produzir textos mais estruturados, teorizados e formativos, seguindo padrões de análise acadêmica, que eram divulgados em veículos acadêmicos.

Conforme dissemos em nossa tese (REFERÊNCIA), acreditamos que a resenha circula tanto no campo jornalístico quanto no acadêmico, e, nos dois casos, há resenhistas especializados e não especializados. Em se tratando do campo acadêmico, especificamente, cabe mencionar que, na normativa 6028 da Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT), em sua versão de 2003, as resenhas (também chamadas de resumo crítico) são produzidas por especialistas que apresentam um julgamento crítico de um documento. Contudo, como sabemos, estudantes, ainda não especialistas, também produzem resenhas, e com frequência, e, logo, a normativa não os contemplava. Em 2021, porém, a NBR 6028 foi atualizada, e passou-se a considerar a resenha e a recensão, gêneros semelhantes que buscam apresentar e avaliar uma obra, sendo a recensão produzida por especialistas (embora, de modo geral, continue sendo chamada de resenha). Entendemos, então que, no contexto acadêmico, temos resenhas publicadas em periódicos por especialistas, com vistas a oferecer a descrição e a avaliação de uma obra, quase sempre de recente lançamento no mercado, para que a comunidade acadêmica se mantenha atualizada das produções de cada área, e resenhas produzidas por estudantes, que, de modo geral, são feitas para serem avaliadas pelo professor. Nos dois casos, elas possuem características semelhantes, embora as resenhas produzidas por especialistas tendam a ser mais detalhadas e teóricas. Nosso foco, neste trabalho, recai sobre as resenhas produzidas por estudantes universitários.

De acordo com Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004), a principal característica das resenhas está no fato de elas apresentarem informações selecionadas e sumarizadas sobre o conteúdo de outro texto, ao mesmo tempo em que são tecidos comentários e avaliações. Nesse sentido, Motta-Roth e Hendges (2010) afirmam que a resenha é um gênero avaliativo e informativo ao mesmo tempo, embora a avaliação seja a função que a define. Para as autoras, esse gênero é utilizado no meio acadêmico para avaliar o resultado de uma produção intelectual em determinada área do conhecimento. Dessa forma, quem escreve uma resenha e quem lê têm objetivos convergentes: “uma busca e a outra fornece uma opinião crítica sobre [...] [determinada obra]” (Motta-Roth; Hendges, 2010, p. 28).

No que diz respeito à configuração retórica típica da resenha acadêmica, Motta-Roth e Hendges (2010) afirmam que, ao resenharmos uma obra, desenvolvemos quatro etapas em que realizamos as ações de: apresentar > descrever > avaliar > (não) recomendar. Segundo elas, essas ações costumam aparecer nessa ordem e podem variar em tamanho – a depender do quê e o quanto o produtor da resenha deseja enfatizar – e frequência – de acordo com as características da obra ou o estilo do resenhista. Em conformidade com a proposta das autoras, Vieira e Faraco (2019), apontam quatro etapas que são desenvolvidas no processo de resenhar: (i) introdução; (ii) sumarização; (iii) crítica; (iv) conclusão. Os autores salientam, contudo, que essas quatro etapas não podem ser tomadas como regras, como fórmula fixa, pois a organização composicional da resenha é relativamente flexível e, portanto, não possui uma estabilidade absoluta. Cabe observar, contudo, que, apesar da natureza relativamente flexível dos gêneros em geral, os gêneros acadêmicos tendem a ser mais rígidos, mais padronizados.

Sendo assim, entendemos que, para construir uma resenha, é preciso que se mantenha uma ligação com o texto-base, selecionado ideias e informações básicas, mencionando o autor e atribuindo ações a ele, mas, além disso, é preciso dotar o texto de certa subjetividade, incluindo elementos avaliativos, de maneira que fique claro para o leitor o que foi dito pelo autor do texto original e o que foi dito pelo autor da resenha. Para isso, é possível que se faça referências a outras obras, e pode-se, também, apontar um público para o qual a obra é indicada (Prado, 2022). Definimos, então, uma resenha acadêmica como “um texto elaborado

em contexto universitário/acadêmico com o objetivo de apresentar determinada obra (escrita ou não) e seu conteúdo, de maneira sumarizada e avaliativa, dando ao leitor informações críticas a seu respeito e recomendando-a (ou não) dentro de determinada área do conhecimento” (REFERÊNCIA).

Aspectos metodológicos

Os dados analisados neste artigo foram coletados após apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, com cadastro no Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE), número 17512219.0.0000.0055. O nosso *corpus* é composto por dados do processo de construção de duas resenhas acadêmicas elaboradas por estudantes universitárias, cursando o último semestre do curso de Letras Vernáculas, a quem chamaremos de Hilda e Vitória. Temos, então: duas gravações em áudio e vídeo da tela do computador em que as escreventes produziram os textos, que tem registradas, também, os comentários e reflexões que elas fizeram em voz alta; duas gravações em áudio de entrevistas que fizemos com as participantes da pesquisa, questionando-as a respeito das suas escolhas durante o processo de escrita; as versões finais dos textos em formato *word*; as transcrições das gravações.

Para angariarmos esse material utilizamos um computador que tinha instalados o *Microsoft Word* e o *software* de gravação de tela chamado *Open Broadcaster Software (OBS Studio)*. O *OBS Studio* é um programa de *streaming* e gravação que oferece captura de fonte e dispositivo em tempo real, composição de cena, codificação, gravação e transmissão. A principal função que aproveitamos foi a captura de tela do dispositivo que, em termos mais simples, significa que, quando o programa foi iniciado, tudo que foi executado no computador foi registrado em forma de um vídeo. Mas, além disso, como o programa nos dava a possibilidade de registrar o áudio externo ao computador, também nos valemos dessa função, para gravar as manifestações orais das estudantes.

O texto escolhido para a produção das resenhas foi o conto *Felicidade clandestina*, de Clarice Lispector, o qual as estudantes leram para, em seguida, produzirem seus textos no *Microsoft Word*, com o *OBS Studio* em execução. Cabe salientar que cada escrevente produziu seu texto em um dia diferente. Posteriormente, em um intervalo de aproximadamente 48 horas de cada produção, fizemos uma entrevista individual com as participantes da pesquisa, para que elas próprias nos dissessem como foi a elaboração das resenhas, as ideias que tiveram, as reflexões que empreenderam, o que pensaram em colocar no texto e não colocaram, porque apagaram, porque substituíram etc. Para isso, assistimos às gravações de vídeo, pontuando momentos que chamaram a nossa atenção e elaboramos as perguntas. As entrevistas foram registradas em áudio.

Por fim, transcrevemos os áudios de todas as gravações, para que pudéssemos analisar os dados com mais facilidade.

O que os dados processuais revelaram

Inicialmente, vejamos a resenha acadêmica elaborada por Hilda, tarefa para a qual dispensou cerca de uma hora e trinta e três minutos.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. In: LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 6-8.

Clarice Lispector, de origem ucraniana e naturalizada brasileira, é considerada uma das escritoras mais importantes do século XX. Sua obra é composta por contos, ensaios, romances, e para além da escrita direcionada aos adultos, Lispector também se propôs a escrever livros infantis e toda a sua literatura é genial. A maneira como a autora aborda questões sociais, como a desigualdade econômica e o machismo estrutural, por exemplo, é de uma maestria tamanha.

O conto “Felicidade Clandestina” está inserido no livro também intitulado “Felicidade Clandestina”, o qual se trata de uma coletânea que reúne vinte e cinco contos distintos e sua primeira edição data de 1971.

No conto em questão, curiosamente, as personagens não são nomeadas. Mas, a trajetória que a narradora percorre, nos faz compreender a história. O início do conto trata-se da descrição da narradora (que também é personagem) acerca da sua arquirrival, a qual é, esteticamente, completamente diferente das outras colegas e, além disso, tem um diferencial: seu pai é dono de uma livraria.

A narradora é ressentida pelo fato de sua colega ter acesso a tantos livros e não os aproveitar. E, também, por não ter o cuidado de presentear, mesmo que fosse com os livros mais baratinhos, suas colegas. Ao invés disso, escolhia os cartões postais da própria cidade em que elas viviam, qual seja: Recife, e escrevia palavras aleatórias como “saudades”.

A forma como a narrativa é conduzida, nos faz pensar que a razão de a criança que tem acesso aos livros ser “cruel” com as outras decorre do fato de ela se sentir excluída, diminuída, talvez por estar fora do padrão de beleza, mas não justifica seu comportamento. A criança considerada sádica, fazia a narradora personagem sentir-se humilhada, ao passo que ela implorava que lhe emprestasse os livros que tampouco a criança lia. Mas, por sua vez, a filha do dono da livraria brincava com os sentimentos da colega e sempre inventava uma desculpa para não lhe emprestar os livros.

Apesar de sempre achar que a colega lhe emprestaria o livro, isso não ocorria. Essa passagem nos faz pensar no conceito ilusório da felicidade, quando imaginamos que precisamos de tal coisa para sermos felizes, mas, na verdade, não está, ali, a razão da nossa alegria. Vivemos em busca de algo que nos traga a felicidade, talvez, inclusive, essa busca incessante nos faça passar despercebidos pela felicidade que vem dos microssegundos.

Apesar de se entristecer por ter ido diversas vezes à casa da filha do dono da livraria, a menina sempre saía de lá andando/pulando, na esperança de que o dia seguinte viria e ela teria uma nova oportunidade; seu amor pelo mundo não se esvaía.

Certa feita, a mãe da criança manipuladora percebeu a movimentação e questionou o que estava ocorrendo. Ao descobrir as intenções de sua filha, que faltava com a verdade, diariamente, com sua colega, a mãe entregou o tão desejado livro “As renações de Narizinho”, de Monteiro Lobato, para a sonhadora criança e disse-lhe que poderia ficar o tempo que fosse necessário com a obra. A felicidade da menina foi tamanha, mas ponderou a dor da mãe ao perceber a filha que tinha.

Contrariamente ao que se pode pensar, a menina que ansiava pelo livro não chegou em casa e o devorou, “ela fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter”. Consciente de que a felicidade é clandestina, criava diversas dificuldades e demorava muito para se permitir o prazer da leitura. Era como se, naquele momento, ter o livro em mãos fosse mais importante do que lê-lo. Nesse ponto, reflete Lispector, “Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante”.

Forte, impactante, esse conto é indicado para todos os amantes da literatura e nos faz tanto refletir quanto pensar criticamente acerca da noção de posse, de prazer, de poder, da maldade do outro, das desigualdades sociais e das carências do ser humano.

Agora, vamos ver a resenha que Vitória produziu em cerca de uma hora e quarenta e seis minutos.

Clarice Lispector foi a escritora Modernista de maior destaque em sua área. Brasileira, nascida no início do século XX e naturalizada em Pernambuco, sua principal característica na escrita está no narrar de o dia-a-dia, marcado, sobretudo, pelo sentimento da epifania sobre tais fatos do cotidiano. Em seu conto *Felicidade Clandestina* publicado no ano de 1971, pela editora Rocco, Lispector trata por meio de uma linguagem sarcástica e de forma intensa e meticulosa, a relação entre duas meninas não-amigas, mas que partilham de interesses uma sobre a outra.

No início da história do conto em questão a narradora, que já é uma das meninas, traz para a cena a segunda menina, nesse caso, sua rival. A escrita, como própria de Lispector, traz as características de humor e físicas de ambas as personagens, descrevendo uma como uma menina baixa, gordinha de cabelos crespos e com talento para a crueldade. Características físicas que, para a época, eram tidas como fora do padrão. Já a narradora se descreve como magra, esguia, bonitinha, “de cabelos livres”. Por ser dotada desse padrão estético, a narradora afirma que sua rival se tornara sua rival mais pelo sentimento de inveja, por não possuir, assim como ela, aspectos dentro do padrão.

Instaurada já a inveja misturada ao sentimento de crueldade da menina para a narradora, o enredo da história inicia quando, certa vez, a menina informa à narradora que possui um livro afamado na época, e a narradora, que se descreve como uma leitora assídua, fica vislumbrada, e tomada por um sentimento de êxtase, pede o livro emprestado. De acordo com a narradora, a vil-menina vê então aí uma forma de brincar com os seus sentimentos, e, concordou em emprestar seu livro desde que a narradora fosse buscar o livro em sua casa. A história então passa a girar em torno da cena em que a boa menina vai até a casa da vil menina para pegar o livro desejado, no entanto, ao chegar a porta, a narradora era sempre informada de que havia chegado tarde demais, e o livro já não estava mais ali, mas que caso ela retornasse no dia seguinte, o livro estaria lá para ela. É dessa forma que Lispector vai descrevendo, trazendo para o leitor, os sentimentos de tortura e sofrimento que rondam a boa menina por saber que seus sonhos para com o livro estavam se desfazendo. No entanto, já perto do final da história, é que a boa menina, já desesperançosa, consegue o livro emprestado. É então que a mãe da vil menina fica absurdada ao se depara com a cena e entender o que estava acontecendo, e, finalmente, para a felicidade do leitor, empresta o livro para a narradora. E melhor ainda: sem tempo de devolução.

É assim que a narradora inicia a intensa saga de ler seu livro tão desejado, e, para que o final da história, e consequentemente, o final dos dias com o livro não terminassem ela faz de sua leitura um ritual. Convivendo com o livro sempre que possível e o folheando pouco a pouco. Por fim, a autora afirma que, ali, não havia mais uma menina com um livro, mas, sim, “uma mulher com o seu amante.”

Pela intensidade e a forma própria de escrita de Clarice Lispector em retratar os acontecimentos do enredo, a leitura do conto mostra-se fluída e intensa, fazendo com que quem a leia sinta a ansiedade e a expectativa da boa menina em finalmente ter contato com

o livro, mas, também, sofrendo junto a ela com a tortura que a vil menina a submete. Ao final, já se deliciando enfim com o livro em mãos, a leitura do conto transmite também para o leitor a sensação de deleite e intimidade que é, para a narradora, ter aquele contato. Sendo então a leitura do conto de muito aprazer aqueles que, assim como a narradora do conto, apreciam uma boa história, que detalhe os sentimentos sofridos pelos personagens, assim como acontece no conto *Felicidade Clandestina*.

Depois de tomar conhecimento da proposta e realizar uma leitura atenta do texto base, as escreventes começam a elaborar seus textos, cada uma tomando uma direção diferente: enquanto Hilda já começa a escrever, fazendo o registro da referência completa do conto, Vitória pesquisa no *Google* o nome de Clarice Lispector. Fizemos perguntas às estudantes a respeito dessas duas situações e as suas respostas apontam para o mesmo destino: o estilo do gênero resenha. Vejamos:

Entrevista com Hilda	Entrevista com Vitória
<p>Pesquisadora: A primeira coisa que você faz, quando começa a sua produção, é registrar a referência completa do conto a ser resenhado. Qual a importância desse registro? Era, de fato, necessário fazê-lo?</p> <p>Hilda: Levando em consideração a estrutura do gênero resenha, é a primeira coisa que, na minha opinião, eu devo fazer. Claro que eu poderia ter colocado a referência no fim da resenha, mas a referência, ela não podia faltar, até porque é necessário sinalizar qual é o texto que está sendo resenhado né?</p>	<p>Pesquisadora: A primeira coisa que você fez, depois de ler o texto fonte, foi pesquisar, no <i>Google</i>, o nome de Clarice Lispector. Era importante ter informações sobre a autora antes de começar a produzir a resenha? Por quê?</p> <p>Vitória: Então... Eu acho que era importante mais pelo gênero resenha. Porque, normalmente, a gente apresenta o autor, né, antes de começar a falar sobre o texto. Então, como era gênero resenha, eu pensei “Bom, eu vou falar sobre Clarice”, mas eu acho que o conteúdo em si não foi tão afetado assim... só falando da epifania, né? E o texto, ele traz a intensidade sobre pequenos atos, né? Mas mais pelo gênero eu fui pesquisar. [...]</p> <p>Pesquisadora: Você volta à pesquisa realizada na internet, e desliza o <i>mouse</i> sobre informações da vida da autora, sobre seus estudos e tal. Por que você estava buscando essas informações? Elas eram importantes para a resenha?</p> <p>Vitória: Então... Eu acho que... Eu fiquei na cabeça... Como era gênero resenha, a gente tem que colocar, assim, por exemplo, que ela é formada em Direito, não sei se é Direito, e aí, eu não coloquei, aí eu fiquei olhando e pensando “Será que eu coloco?”.</p>

Como vimos nas versões finais das resenhas, apenas Hilda registrou a referência do texto que estava resenhando. O fato de Vitória não registrar não é incomum. A maior parte dos estudantes não registra. Possivelmente, isso acontece porque, de modo geral, os materiais teóricos a respeito do gênero resenha não apontam essa necessidade, salientam apenas que é preciso e fundamental que se apresente aspectos referenciais da obra (como autoria e ano de publicação, por exemplo) no corpo do texto que está sendo escrito, o que geralmente acontece no parágrafo inicial. Contudo a NBR 6028, de 2021, determina que as resenhas “devem ser precedidas pela referência, quando forem publicadas separadamente do documento ou

objeto” (ABNT, 2021, p. 03). Embora, na ocasião em que Hilda produziu a resenha, essa versão da normativa ainda não tivesse sido publicada, é possível que ela tenha levado em consideração a versão de 2003, que trata a resenha como resumo crítica. Para além disso, a estudante enfatiza a que é necessário informar a fonte, a fim de orientar o leitor que deseja consultá-la. Acreditamos que essa escolha de Hilda está relacionada ao campo acadêmico, em que essa orientação é constantemente reiterada, e, uma vez que, é o campo de utilização da língua que determina as características do gênero, apresentar a referência completa do texto-base se configura, ao menos parcialmente, como uma característica estilística do gênero.

Apesar de não registrar a referência completa do texto-base precedendo a sua resenha, a escolha de Vitória de pesquisar sobre Clarice Lispector, na tentativa de ter informações para apresentar o autor da obra resenhada, converge com a escolha de Hilda, revelando, também uma marca de estilo do gênero. Nesse caso, a escolha segue o direcionamento dos diversos autores que tratam do gênero resenha, a exemplo de Motta-Roth (1995). Em sua tese, a autora aponta o ato retórico de informar sobre o autor como parte do movimento de introduzir a obra. Além disso, Vitória sugere que, depois de falar do autor, ela precisa falar sobre o texto, sobre seu conteúdo, o que está relacionado ao ato de definir o tópico geral da obra, também parte do movimento de introduzir. Posteriormente, Hilda toma decisões que caminham nessa mesma direção. Observemos:

Entrevista com Hilda

Pesquisadora: Você relê o que escreveu no segundo parágrafo e acrescenta o ano de publicação da primeira edição do livro do qual o conto faz parte. Essa informação era importante?

Hilda: Sim. A informação me parecia importante porque, na resenha, a gente precisa apresentar a obra, né? O gênero pede que a gente apresente a obra. Então, é importante que a gente registre qual o ano de publicação. E, maravilha que, na referência do texto-base pra resenha, tinha esse ano de publicação

[...]

Pesquisadora: Você utiliza dois parágrafos para descrever uma das personagens e falar dos sentimentos da narradora em relação a ela. Essas informações eram importantes para o texto?

Hilda: É... Acho que essa foi a minha percepção. Porque eu entendo que, a partir da estrutura do gênero resenha, para além de apresentar a obra, apresentar a autora, a gente precisa fazer um resuminho. Então, esses parágrafos foram o resumo que eu fiz acerca da obra. Então, certamente, foi o que eu selecionei como importante, né?

Como podemos verificar, Hilda também menciona a necessidade de apresentar a obra. A esse respeito, podemos dizer que a estudante faz o que Motta-Roth (1995) chama de *introduzir a obra*, que Araújo (1996) nomeia como *estabelecer o campo da obra*, e Vieira e Faraco (2019) apontam como *situar a obra contextualmente*. Nesse movimento de apresentar a obra, estão incluídas, por exemplo, além do título da obra, seu tema e propósito, informações sobre os autores, meios de divulgação e/ou publicação etc. Além disso, a participante da pesquisa declara que, além de apresentar a obra, é preciso “fazer um resuminho”, selecionando ideias e informações importantes, o que corresponde à sumarização, processo essencial na construção de resenhas (Motta-Roth, 1995; Araújo, 1996; Vieira; Faraco, 2019). Mais uma vez, vemos o estilo do gênero direcionando as escolhas da escrevente, o que continua acontecendo, tanto na produção de Hilda, como na de Vitória, como podemos verificar a seguir:

Entrevista com Hilda	Entrevista com Vitória
<p>Pesquisadora: No seu quinto parágrafo, você faz uma mescla de narração e argumentação: você fala da história do conto, utilizando elementos problematizadores. Por que você faz isso?</p> <p>Hilda: Porque a estrutura do gênero resenha pede que nós avaliemos a obra... Antes de avaliar, que a gente se posicione criticamente né? Como, nesse momento, eu não tinha o argumento de autoridade, eu me coloquei na obra.</p>	<p>Pesquisadora: Nesse trecho escrito rapidamente você decide acrescentar, depois de <i>vai descrevendo: de forma que o leitor consiga imaginar</i>. Qual a razão desse acréscimo?</p> <p>Vitória: Porque eu acho que, por ser uma resenha, a gente tem que trazer a forma como a gente entendeu aquilo que tava escrito, né? E eu entendi que Clarice, pra trazer a máxima significação...</p> <p>Pesquisadora: Por causa dos objetivos da resenha...</p> <p>Vitória: É. Também. Isso. Eu pensei no leitor, pra falar que, assim, a intenção que eu achei que Clarice teve nesse momento foi essa... e aí, deixar claro pro leitor...</p>

As falas expostas acima revelam a atenção que as estudantes dão ao aspecto avaliativo da resenha. Vitória, por exemplo, declara que é preciso apresentar os conteúdos do texto-base de acordo com a sua própria leitura, o que significa que a sumarização é feita de maneira mais subjetiva, mostrando a visão de quem está resenhado em relação à obra resenhada. A esse respeito Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) explicam que as resenhas são caracterizadas por dois movimentos básicos: a descrição ou resumo da obra e os comentários do produtor da resenha. Esses comentários muitas vezes são sutis, mas é preciso que sempre fiquem evidentes para o leitor os momentos de posicionamento do autor da resenha. Convém mencionar, também, que o posicionamento de Vitória corresponde às ideais do Círculo de Bakhtin a respeito do estilo, já que, para eles, o estilo é determinado pela relação de valor do sujeito do discurso com o objeto do discurso. Poderíamos, desde já, dizer, então, que o caráter avaliativo do gênero resenha dá margem para a manifestação do estilo individual. Adiante falaremos mais a respeito, por ora, seguimos tratando das influências do estilo genérico, percebidas também nas falas de Hilda, que argumenta que o gênero resenha “pede que avaliemos a obra” e que “que a gente se posicione”. Em sua descrição esquemática da organização retórica das resenhas, Motta-Roth (1995) menciona dois movimentos em que a ação de avaliar é realizada: em um deles, avalia-se partes específicas da obra, e, em outro, faz-se uma avaliação da obra recomendando-a ou não. Cabe salientar que esses movimentos podem variar, a depender do que está sendo resenhado, da área do conhecimento em que está inserida e do estilo do produtor da resenha: Hilda, por exemplo, avalia o texto base por meio de adjetivos inseridos ao longo do texto e de maneira mais direta ao final, o que significa que ela realiza os dois movimentos apontados por Motta-Roth, e, ao fazer isso, além de obedecer à forma mais rígida do gênero, acaba, também revelando indícios do seu estilo individual. O mesmo acontece com Vitória, que, considerando a necessidade de “trazer a forma como você viu aquele texto”, se vale de diferentes adjetivos, aliando descrição e posicionamento.

Nos dados que temos em mãos, é possível identificar diversos outros momentos e inúmeras falas das escreventes que demonstram que elas conhecem o gênero resenha, sua estrutura retórica típica e suas exigências, e, antes de tudo, é a partir disso que grande parte das escolhas de Hilda e Vitória são feitas sob a influência do estilo do gênero, uma vez que, conforme os postulados do Círculo, o projeto do dizer de cada uma se realiza, primeiramente, a partir da escolha do gênero discursivo (ainda que, nesse caso, a

escolha tenha sido “imposta”). Todavia, julgamos que os dados que apresentamos são suficientes para conseguirmos fazer uma discussão, ao menos inicial, a respeito do estilo do gênero e sua influência nas escolhas de quem produz o texto. Sendo assim, vejamos, então, marcas de estilo individual que as estudantes conseguiram imprimir em suas resenhas. Conforme dissemos anteriormente, essa possibilidade foi comprovada e, de certa maneira, facilitada pelo aspecto avaliativo do gênero resenha acadêmica.

Dentre as marcas de estilo das estudantes que identificamos, queremos destacar escolhas específicas que revelam posicionamentos sociais. Esse reflexo da individualidade, das duas participantes da pesquisa chamou a nossa atenção, pois corrobora intensamente o caráter social do estilo, seu aspecto sociológico.

Entrevista com Hilda

Pesquisadora: Você escreve que Clarice Lispector aborda, em sua obra, questões sociais como a luta das mulheres, mas muda para “machismo estrutural” e acrescenta “desigualdade econômica”. Por que “machismo estrutural” era uma opção melhor? E por que acrescentar “desigualdade econômica”?

Hilda: *Machismo estrutural* é melhor porque... Qual era a primeira opção?

Pesquisadora: Era *luta das mulheres*.

Hilda.: *Luta das mulheres*... Porque, especificamente, naquele momento, a Clarice não estava... como hoje, como atualmente a gente levanta uma bandeira feminista e exalta a questão... Não era essa a intenção naquele momento. Ela denunciava, a partir da sua obra, o machismo estrutural. Por exemplo, na obra “Uma galinha”, ela pontua o quanto a mulher, ela estava ali fadada à reprodução né? A mulher era vista apenas como a pessoa que vai trazer uma criança ao mundo... E todas essas questões... Como ela não tinha liberdade, então, a Clarice, ela vai denunciar, na obra dela, esse machismo estrutural e não, especificamente, mostrar a luta das mulheres.

Pesquisadora: E por que você acrescentou “desigualdade econômica”?

Hilda: Porque nesse conto específico, “Felicidade clandestina”, o quanto a... Como as personagens não têm nome né? A moça que gostaria de ter os livros, ela sofre por não ter acesso a eles, enquanto a outra, que é filha do dono da livraria, tampouco se importa. Então, a gente percebe essa marcação social e econômica.

[...]

Pesquisadora: Entendi. Eu acho que tem uma pergunta bem sobre isso. Você escreve *decorre do fato de ela se sentir excluída, diminuída, feia*, mas apaga *feia* imediatamente e escreve *talvez por estar fora do padrão de beleza*. Por que *fora do padrão de beleza* se encaixava melhor na sua opinião?

Hilda: Porque o bonito e o feio, ele é instituído socialmente né? E ele é muito relativo. Então, não é adequado a gente rotular alguém como bonito ou feio. Até porque, quando a gente para pra se policiar, pra perceber, o que a gente costuma achar bonito é o padrão, porque isso tá posto na sociedade vigente. Então, é um processo, é uma desconstrução diária, inclusive pra ‘gente que tá na militância, né? Ainda bem que imediatamente eu apaguei o *feia*.

Nos trechos da entrevista apresentados acima, é possível identificar ao menos três aspectos de cunho social: o feminismo e o machismo estrutural, a desigualdade social, de um ponto de vista econômico, e a imposição de um padrão de beleza. De acordo com Volóchinov (2019a [1930]), o estilo é, acima de tudo, “um sistema dinâmico de *signos* valorativos, uma formação *ideológica*, que surge no processo de uma comunicação social específica” (VOLÓCHINOV, 2019a [1930], p. 212, destaques do autor). Além disso, para o autor, a avaliação social determina a escolha e a ordem do material verbal. Isso fica claro, por exemplo, quando Hilda troca “luta das mulheres” por “machismo estrutural”, acrescenta “desigualdade econômica” e substitui a palavra “feia” por “fora do padrão de beleza”. A primeira escolha demonstra o seu

entendimento de que Clarice Lispector não tratava diretamente da luta das mulheres em suas obras, pois não tinha a intenção de defender a causa feminista, mas de denunciar o machismo impregnado na sociedade. No segundo caso, a escrevente explica que, apesar de as personagens do texto-base não terem nomes, a descrição que a autora faz de cada uma delas deixa clara uma “marcação social e econômica”. No último caso, a substituição é feita sob o argumento de que a beleza é relativa, e o que nós costumamos achar bonito é o que a sociedade impõe como padrão, ou seja, normas estéticas que indicam como (não) deve ser o corpo e a aparência das pessoas.

Essas reflexões feitas por Hilda foram desenvolvidas a partir das suas próprias vivências e relações sociais e, ainda que individuais, são marcadas por fatos sociais e ideológicos (Volóchinov, 2018 [1929]), e resultam em escolhas linguísticas específicas que, a nosso ver, revelam marcas do estilo individual da estudante. Ao escolher utilizar “machismo estrutural”, “desigualdade econômica” e “fora do padrão de beleza”, a estudante demonstra atitudes valorativas em relação ao que está lendo e escrevendo. Situação semelhante acontece com Vitória.

Entrevista com Vitória

Pesquisadora: Você tira *ruins* de *eram tidas como ruins* e coloca no lugar *desvantagem*. Todavia, adiante, você substitui *desvantagem* por *fora do padrão*. Por que *fora do padrão* ficava melhor que *ruins* e *desvantagem*?

Vitória: É mais uma questão que eu fui pensando, assim, de formas como a gente vê essas questões... que existe um padrão estabelecido e tal. E aí, primeiro, eu coloquei “ruins”, aí eu fiquei pensando assim... acho que eu até coloquei entre aspas... Eu fiquei pensando que “ruins” não era bom, porque não é ruim. Tudo bem que é tido como ruim, principalmente naquela época, mas eu fiquei pensando “não é dessa forma que tem que ser colocado aqui”. Aí eu pensei em colocar “fora do padrão” porque existe um padrão e a menina ruim não atendia a esse padrão.

Depois de haver feito a introdução da sua resenha e tendo dado início à apresentação do conteúdo de *Felicidade clandestina*, Vitória escreve que Clarice Lispector indica características físicas e de humor das personagens e completa “descrevendo uma como uma menina baixa, gordinha de cabelos crespos e com talento para a crueldade”. É nesse momento que aspectos socioideológicos são revelados em suas escolhas. No primeiro momento, a escrevente redige: “Características físicas, para a época, tidas como ‘ruins’”. Ao colocar a palavra *ruins* entre aspas, na tentativa de atenuar o sentido da palavra por meio de sinais gráficos, a estudante já marca o seu posicionamento. Contudo, ela não fica satisfeita e, ao fazer uma revisão, substitui “ruins” por “desvantagem” e, logo, por “fora do padrão”. Na versão final, esse trecho fica assim: “Características físicas que, para a época, eram tidas como fora do padrão”. Vitória ainda acrescenta na sua resenha que a rivalidade entre as duas personagens da narrativa foi construída devido ao sentimento de inveja que a menina que era fora do padrão tinha da outra que era “dotada desse padrão estético”. Questionada sobre as escolhas que fez até chegar em “fora do padrão”, a estudante justifica que existe um padrão (estético) que é estabelecido pela sociedade e, embora uma das meninas não se encaixasse nesse padrão, dizer que as suas características eram tidas como ruins não era adequado: “não é dessa forma que tem que ser colocado aqui”.

Como vemos, assim como Hilda, Vitória entende que as pessoas têm em relação às características físicas das outras está relacionada ao modelo estético padronizado construído socialmente. A opinião da participante da pesquisa foi construída a partir da sua realidade sócio-histórica e se materializa em signos ideológicos, revelando seus pontos de vista e avaliações. Essas avaliações compõem o todo do enunciado e têm grande influência na sua estrutura estilística, conforme destaca Volóchinov (2019a [1930];2019b

[1930.]). Logo, ao fazer certas modificações em sua resenha, Vitória marca posicionamentos ideológico e revela um estilo individual.

Outros indícios de estilo individual foram percebidas nas resenhas das duas estudantes, como o uso de estratégias metadiscursivas modalizadoras, no caso de Hilda, e adjetivos e expressões adjetivas, no caso de Vitória, além do uso de citações diretas, no caso de ambas. Essas marcas, somadas às que analisamos, confirmam que, mesmo em um gênero com formas mais rígidas, é possível deixar rastros de individualidade, ainda que de maneira discreta.

Conclusão

Com este artigo, discutimos a relação entre gênero e estilo, destacando a existência de um estilo coletivo (de gênero) e de um estilo individual, buscando refletir sobre a influência do estilo genérico nas escolhas de quem produz um texto e sobre a possibilidade de haver manifestação de estilo individual em um gênero mais padronizado, como a resenha acadêmica. Para isso, utilizamos dados do processo de construção de resenhas elaboradas por estudantes universitárias.

Primeiramente, queremos destacar que o material de análise que utilizamos foi fundamental para que pudéssemos alcançar os nossos objetivos, tendo em vista que dados processuais nos dão acesso a informações privilegiadas, que nos permitem ir além dos textos considerados pontos pelas escreventes, de maneira que foi possível nos embrenhar por reflexões, posicionamentos, percepções e objetivos que permearam as escolhas realizadas pelas participantes da pesquisa.

A partir da análise desses dados, confirmamos que o estilo do gênero é um norteador determinante para as escolhas que o sujeito do discurso realiza enquanto produz um texto. Como vimos, Hilda e Vitória, em diversos momentos, justificaram suas escolhas utilizando as características específicas, as finalidades e as imposições do gênero resenha acadêmica. Ainda assim, as estudantes conseguiram imprimir marcas de estilo individual em seus textos.

Identificamos como uma manifestação do estilo individual das nossas colaboradoras palavras e expressões específicas que marcaram posicionamentos socioideológicos e avaliações emocionalmente valorativas. A escolha dessas palavras e expressões foi feita a partir de um comportamento crítico-avaliativo do texto vase e do seu conteúdo.

Dessa forma, reiteramos o caráter social do estilo, conforme postula o Círculo de Bakhtin, uma vez que foi possível verificar que durante a produção de um texto, durante a elaboração de enunciados na comunicação discursiva via, é impossível se desvencilhar de aspectos sociais, históricos, culturais e ideológicos. Assim, conforme observa os pensadores do Círculo, as avaliações, as escolhas linguísticas, as construções enunciativas não são atos isolados, emoções puramente individuais, mas atos socialmente lógicos e necessários, e todos os elementos estilísticos de um discurso, inclusive os individuais (ou sobretudo os individuais), são selecionados a partir de uma posição social e da relação emocionalmente valorativa do com seu produtor com o conteúdo e com o interlocutor.

Referências

ARAÚJO, A. D. **Lexical Signalling**: A study of unspecific nouns in book reviews. 1996. 284f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS. **NBR 6028**: Informação e Documentação – Resumo – Apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS. **NBR 6028**: Informação e Documentação – Resumo, resenha e resensão – Apresentação. Rio de Janeiro, 2021.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952-1953], p. 11-69.

_____. Teoria do romance I: A estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015 [1930-1936].

BRAIT, B. Estilo, dialogismo e autoria: identidade e alteridade. *In*: XI Conferência Internacional sobre Bakhtin. Curitiba, 2003. **Proceedings**. Editado por Carlos Alberto Faraco, Gilberto de Castro e Luiz Ernesto Merkle. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2004, p. 138-144.

COMPAGNON, A. O estilo. *In*: COMPAGNON, A. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fontes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GRANGER, G. G. **Filosofia do estilo**. Tradução de Scarlett Zerbetto Marton. São Paulo, Perspectiva/EDUSP: 1974.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Resenha**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MARTINS, N. S. **Introdução à Estilística**: A Expressividade na Língua Portuguesa. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP, 2012.

MELO, J. M. de. **Jornalismo opinativo**. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MOTTA-ROTH, D.. **Rhetorical features and disciplinary cultures**: A genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry, and economics. 1995. 357f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. Resenha. *In*: MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010a, p.27-49.

POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SOBRAL, A. Estética da criação verbal. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2016, p. 167-187.

VIEIRA, F. E.; FARACO, C. A. A escrita na universidade. *In*: VIEIRA, F. E.; FARACO, C. A. **Escrever na universidade**: fundamentos. São Paulo: Parábola Editorial, 2019, p. 89-113.

VOLÓCHINOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. *In*: VOLÓCHINOV, V.. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926], p. 109-146.

_____, V. Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística. *In*: VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019a [1930], p. 183-233.

_____. Estilística do discurso literário I: O que é a linguagem/língua? *In*: VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019b [1930], p. 234-265.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].